

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Guilherme de Azevedo
A Alma Nova



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Guilherme de Azevedo

A Alma Nova

Atualização ortográfica
Iba Mendes

Publicado originalmente em 1874.

**Guilherme Avelino Chaves de Azevedo
(1839 – 1882)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 394



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Guilherme de Azevedo: “*A Alma Nova*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Guilherme de Azevedo nasceu em 30 de Novembro de 1839. Faleceu no dia 6 de Abril de 1882.

Ligado à "Geração de 70", foi um dos representantes da poesia revolucionária introduzida no país por Antero de Quental ("Odes Modernas", 1865), tendo recebido influências ainda dos franceses Vitor Hugo e Charles Baudelaire.

Filho de um escrivão das Finanças, desde a infância mostrou-se fisicamente débil, como resultado de uma queda que o fez coxo e lhe provocou uma lesão de que viria a morrer prematuramente aos quarenta e dois anos de idade. Viveu, por essa razão, obcecado por esconder os seus males físicos.

Em 1871 fundou em Santarém o periódico "O Alfaceme", primeiro momento da sua carreira jornalística e onde defendeu, com escândalo no país à época, as ideias revolucionárias da Comuna de Paris.

Após o falecimento do pai, instalou-se em Lisboa, onde abraçou definitivamente o jornalismo, profissão na qual atingiu posição relevante. Trabalhou nos periódicos: *Diário da Manhã*, *O Pimpão* e na *Lanterna Mágica* (1875), *Primeiro de Janeiro* (com um folhetim semanal), *O Panorama* (1837-1868), *A Mulher* (1879), *Ribaltas e gambiarras* (1881), *Jornal de Domingo* (1881-1883), e ainda na imprensa brasileira. Como poeta, foi um autor representativo, abordando temas modernos numa escrita de índole épico-social. Publicou os primeiros versos no *Almanaque de Lembranças* de 1864, sob o pseudônimo de "G. Chaves", vindo a colaborar posteriormente em vários periódicos, como o *Comércio de Lisboa*, a *Revolução de Setembro* e a *Gazeta do Dia*, no qual, em parceria com Guerra Junqueiro, manteve as crônicas humorísticas da rubrica "Ziguezagues". Fundou o *O Antônio Maria*, em 1879, com Rafael Bordalo Pinheiro, e, ainda ao lado deste, dirigiu e colaborou no *Álbum das Glórias*. No mesmo ano, novamente com Guerra Junqueiro, redigiu a sátira teatral *Viagem à roda da Parvônia*, que seria mais tarde proibida, e que foi considerada por Ramalho Ortigão como uma "fiel pintura dos costumes constitucionais" do país à época.

Em 1880, em consequência da fama conquistada como cronista mundano e político, o periódico carioca *Gazeta de Notícias* nomeou-o seu correspondente em Paris, função que desempenhou nos dois últimos anos da sua vida. As suas poesias, reunidas nas três coletâneas *Aparições* (1867), *Radiações da Noite* (1871) e *Alma Nova* (1874), encarnam o novo realismo satírico de inspiração baudelairiana no país.

Wikipédia (julho, 2014)

ÍNDICE

Dedicatória.....	1
I — Eu poucas vezes canto os casos melancólicos.....	2
II — Eu vi passar além vogando sobre os mares.....	4
III — Velha farsa.....	4
IV — Graça póstuma.....	5
V — História simples.....	6
VI — A mesa do festim cercada de formosas.....	8
VII — Os sonhos mortos.....	9
VIII — Falta a ordem.....	10
IX — Ó lírios da cidade, ó corações doentes.....	10
X — Miséria santa.....	11
XI — Astro da rua.....	12
XII — Quando Marta morrer, depois do extremo arranco.....	13
XIII — As vítimas.....	15
XIV — Evocação.....	16
XV — Boas noites, coveiro, a tua enxada.....	17
XVI — Flor da moda.....	18
XVII — Ó máquinas febris, eu sinto a cada passo.....	19
XVIII — A Cristo.....	20
XIX — Eu tive um sonho estranho: ouvi que vou dizê-lo.....	22
XX — O grande templo.....	23
XXI — A um certo homem.....	24
XXII — Á hora do silêncio.....	26
XXIII — Eu quisera depois das lutas acabadas.....	27
XXIV — O velho cão.....	27
XXV — As velhitas.....	28
XXVI — As visões.....	30
XXVII — Melancolias d'outono! eu quando além descubro.....	31
XXVIII — O velho mundo.....	31
XXIX — Eis a velha cidade, a cortesã devassa.....	32
XXX — Á noite.....	33
XXXI — A vala.....	35
XXXII — Ó vultos ideais, fantásticos e belos.....	37
XXXIII — Eu vejo em tua boca as pétalas vermelhas.....	37
XXXIV — Nos campos.....	38
XXXV — O último D. Juan.....	40
XXXVI — Formosuras do inverno! Ao sol das duas horas.....	42
XXXVII — Antigo tema.....	42
XXXVIII — A mãe.....	43
XXXIX — Arcanjo vai-te embora, é tarde em nossas casas.....	45
XL — Santa simplicidade.....	46

XLI — O velho Olimpo dorme o bom sono profundo.....	47
XLII — Os palhaços.....	48
XLIII — A hidra.....	49
XLIV — Os novos leviatãs.....	50
XLV — Sua alteza real o pequenino infante.....	51
XLVI — Versos a *.....	52
XLVII — O pobres versos meus, lançai-vos pela estrada.....	52
Apêndice.....	54
Tendências novas da poesia contemporânea, por Antero de Quental.....	55

Meu amigo.

Este livro parece-me um pouco do nosso tempo. Sorrindo ou combatendo, fala da humanidade e da Justiça, inspirando-se no mundo que nos rodeia.

E porque julgo que ele segue na direção nova dos espíritos, ofereço-o a um obreiro honesto do pensamento: a uma alma lúcida, moderna e generosa.

Dezembro de 1873
Guilherme de Azevedo

I

Eu poucas vezes canto os casos melancólicos,
Os letargos gentis, os êxtases bucólicos
E as desditas cruéis do próprio coração;
Mas não celebro o vício e odeio o desalinho
Da musa sem pudor que mostra no caminho
A liga à multidão.

A sagrada poesia, a peregrina eterna,
Ouvi dizer que sofre uma afecção moderna,
Uns fastios sem nome, uns tédios ideais;
Que ensaia, presumida, o gesto romanesco
E, vaidosa de si, no colo ebúrneo e fresco,
Põe cremes triviais!

Oh, pensam mal de ti, da tua castidade!
Deslumbra-os o fulgor dos astros da cidade,
Os falsos ouropéis das cortesãs gentis,
E julgam já tocar-te as roçagantes vestes
Ó deusa virginal das cóleras celestes,
Das graças juvenis!

Retine a cançoneta alegre das bacantes,
Saudadas nos vagões, nos cais, nos restaurantes,
Visões d'olhar travesso e provocantes pés,
E julgam já escutar a voz do paraíso,
Amando o que há de falso e torpe no sorriso
Das musas dos cafés!

Oh, tu não és, de certo, a virgem quebradiça
Estiolada e gentil, que vem depois da missa
Mostrar pela cidade o seu fino desdém,
Nem a fada que sente um vaporoso tédio
Enquanto vai sonhando um noivo rico e nédio
Que a possa pagar bem!

Nem posso mesmo crer, arcanjo, que tu sejas
A menina gentil que às portas das igrejas
Enquanto a multidão galante adora a cruz,
A bem do pobre enfermo à turba pede esmola
Nas pompas ideais da moda, que a consola
Das magoas do Jesus!

E nas horas de luta enquanto os povos choram
E a guerra tudo mata e os reis tudo devoram,
 Não posso dizer bem se acaso tu serás
A senhora que espalha os languidos fastios
Nos pomposos salões, sorrindo a fazer fios
 Á viva luz do gás!

Tu és a aparição gentil, meia selvagem,
D'olhar profundo e bom, de cândida roupagem,
 De fronte imaculada e seios virginais,
Que desenha no espaço o límpido contorno
 E cinge na cabeça o virginal adorno
 De folhas naturais.

Tens a linha ideal das cândidas figuras;
As curvas divinais; as tintas sãs e puras
Da austera virgindade; as belas correções;
E segues majestosa em teu longo caminho
 Deixando flutuar a túnica de linho
 Ás frescas virações!

Quando trava batalha a tua irmã Justiça
Acodes ao combate e apontas sobre a liça
 Uma espada de luz ao Mal dominador:
E pensas na beleza harmônica das cousas
Sentindo que se move um mundo sob as lousas
 No gérmem d'uma flor!

Num sorriso cruel, pungente d'ironia,
Também sabes vibrar, serena, altiva e fria,
 O látego febril das grandes punições;
E vendo-te sorrir, a geração doente,
Sentir cuida, talvez, a nota decadente,
 Das mórbidas canções!

Oh, voa sem cessar traçando nos teus ombros
O manto constelado, ó deusa dos assombros,
 Até chegar um dia às regiões de luz,
Aonde, na poeira aurífera dos astros,
Contrito, Satanás enxugará de rastos,
 As chagas de Jesus!

Lugar à minha fada ó languidas senhoras!
E vós que amais do circo as noites tentadoras,

Os flutuantes véus, os gestos divinais,
Podeis vê-la passar num turbilhão fantástico,
Voando no corcel febril, nervoso, elástico,
Dos novos ideais!

II

Eu vi passar, além, vogando sobre os mares
O cadáver d'Ofélia: a espuma da voragem
E as algas naturais, serviam de roupagem
Á triste aparição das noites seculares!

Seguia tristemente às regiões polares
Nos limos das marés; e a rija cartilagem
Sustinha-lhe tremendo aos hálitos da aragem,
No peito carcomido, uns grandes nenúfares!

Oh! lembro-me que tu, minha alma, em certos dias
Sorraste já, também, nas vagas harmonias
Das cousas ideais! mas hoje à luz mortíça

Dos astros, caminhando; apenas as ruínas
Das tuas criações fantásticas, divinas,
De pasto vão servindo aos lírios da justiça!

III

VELHA FARSA

Rufa ao longe um tambor. Dir-se-ia ser o arranco
D'um mundo que desaba; aí vai tudo em tropel!
Vão ver passar na rua um velho saltimbanco
E uma fera que dança atada a um cordel.

Ó funâmbulos vis, comediantes rotos,
O vosso riso alvar agrada à multidão!
E quando vós passais o arcanjo dos esgotos
Atira-vos a flor que mais encontra à mão!

Lá vai tudo a correr: são as grotescas danças
D'uns velhos animais que já foram cruéis
E agora vão sofrendo os risos das crianças
E os apupos da turba a troco de dez réis.

Conta um velho histrião, descabelado e pálido,
Da fera sanguinária o instinto vil e mau,
E vai chicoteando um urso meio inválido
Que lambe as mãos ao povo e faz jogo de pau.

Depois inclina a face e obriga a que lh'a beije
A fera legendaria olhada com pavor:
E uma Deusa gentil, vestida de bareje,
Anuncia o prodígio a rufo de tambor!

E as mães erguem ao colo uns filhos enfezados
Que nunca tinham visto a luz dos ouropéis:
E cresce à multidão a turba dos soldados,
— Ao ilota da cidade o escravo dos quartéis.

E o funâmbulo grita; impõe qual evangelho
Á turba extasiada a grande narração.
E sobre um cão enfermo um orangotango velho
Passeia nobremente os gestos de truão.

Correi de toda a parte, aligeirai o passo,
Deixai a grande lida e vinde à rua ver
As prendas d'uma fera, as galas d'um palhaço,
E um arcanjo que sua e pede de beber!

A tua imagem tens ó povo legendário
No cômico festim que mal podes pagar,
Pois tu ainda és no mundo o velho dromedário
Que a vara do histrião nas praças faz dançar.

IV

GRAÇA PÓSTUMA

Depois da tua morte eu hei de ver se arranco,
Numa noite serena, ao teu berço final,

Um produto mimoso; — um grande lírio branco
Da alvura do teu colo ebúrneo e divinal!

Aquela flor suave, ó minha visão histórica,
Debruçada gentil, na taça em que a puser,
Fazer-me-á lembrar a graça cadavérica
Do teu corpo franzino e etéreo de mulher!

E mesmo conterà, de certo, alguma cousa
Do que me traz submisso e prezo ao teu olhar:
— Teu corpo a pouco e pouco irá fugindo à lousa
Depois tornado em lírio à terra há de voltar! —

E em longas noites, nele, eu beberei sozinho,
Sonhando as convulsões d'uns lindos braços nus,
A fragrância que exala a candidez do linho
Em que hoje ondeias leve e onde os meus lábios pus,

— Saudando a boa mãe que faz com que eu te goze
Depois do verme vil teu seio poluir,
Mais pura no frescor de tal metamorfose
Do que eras a cismar, do que eras a sorrir!

Ó minha doce Ofélia! Os rápidos momentos
Da vida, são cruéis mas passam como um som!
Um dia quando em fim dos velhos sedimentos
Teu corpo renascer num lírio imenso e bom,

Talvez que eu durma já também sob os matizes
Das flores, ao sorrir das mil germinações,
Dando um pasto fecundo às tuas sãs raízes
Depois de te sagrar as últimas canções!

V

HISTÓRIA SIMPLES

Havia um rapaz são, robusto, bom, valente,
De espádua larga e rija; um ceifador gentil.
Cavava todo o dia, andou sempre contente
E a feria dava à mãe sem falta d'um ceitil.

Ele amava a campina e os céus largos, serenos.
Aos domingos a mãe deixava-lhe uns dez reis.
Deitava-se ao luar, dormindo sobre os fenos,
Na fragrância do trevo, ao pé dos cães fiéis.

A mãe tinha de seu duas vaquitas mansas:
Num cerro agreste e vil alguns palmos de chão.
E tinha ainda mais não sei quantas crianças
Que andavam nuas sempre e sempre a pedir pão.

O pai mal se sustinha às vezes sobre as pernas:
Era bêbado e mau, batia na mulher;
E à noite, ao cintilar dos vinhos nas tavernas,
Cantava canções vis de a gente ensurdecer.

Um dia uma senhora honesta da cidade,
Esplendida, gentil, sabendo-se sorrir,
Reparou no rapaz; achou-lhe própria a idade
E fez-lhe um certo gesto: — o moço não quis ir.

Teve um assomo de raiva, então, sua excelência.
Ordenou-lhe que fosse: o moço disse, — irei!
Despediu-se dos seus: devia obediência
Á senhora gentil que se chamava... a Lei!

Pegou no velho alforje e no bordão nodoso
E meteu-se a caminho. Os pobres dos irmãos
Choravam à partida: — um quadro doloroso!
A mãe louca de dor torcia as magras mãos!

Chegando no outro dia ao ponto onde o chamaram
Primeiro foi medido e todos a final,
Depois de bem revisto, à uma, concordaram
Que ao serviço do rei convinha este animal!

Aquel'outra senhora, astuta, grave, terna,
— A ordem — jubilava em doces pulsações!
Contava mais um servo, um filho, na caserna,
Gastando pouco mais: — uns cobres e uns feijões!...

Agora quando passa o batalhão luzente
Na rua, podeis ver o pobre cavador
Com modos imbecis, marchar pesadamente
— Herói por conta alheia — ao rufo do tambor!

Não sabe onde caminha entre as guerreiras hostes!
Perguntem-lhe o que é pátria e liberdade e lei!
Caminha simplesmente às ordens dos prebostes
Que trazem no chicote a salvação do rei.

E na pobre cabana ainda se conserva
O mesmo quadro triste: — a lacrimosa mãe;
Alguns pequenos nus rolando sobre a erva,
E um ébrio que pragueja e não pensa em ninguém! —

Mulher não chores mais: a quadra é pura e bela:
Enquanto na campina alouram os trigais,
Teu filho guarda o mundo e a Deus faz sentinela:
Receiam que Deus faça andar o mundo mais.

Em breve ele virá de jubilo e d'assombro
Encher tua alma, em fim, quando amanhã voltar
Com seu velho canudo, a trouxa posta ao ombro,
Trazendo novamente a luz ao pobre lar.

E tu perguntarás: o que é meu filho, é ouro!!
A quantas guerras foste? ó céus, como tu vens!
— Mãe tome essa lata! esconda o meu tesouro
E deixe-me ir dormir no feno ao pé dos cães!

VI

Á mesa do festim, cercada de formosas,
O canto dos cristais e o cintilar dos vinhos
Saudavam juntamente os belos desalinhos
Das galantes visões das ceias luminosas!

Molhavam-se em champagne as pétalas das rosas!
E em baixo, a nossos pés, em leves murmurinhos
A gaze sobreposta à candidez dos linhos
Erguia-se num mar de vagas caprichosas!

Ali tudo era paz! Nem ódios vis nem zelos!
Os lábios pois limpando às rendas e aos cabelos
Da menos trivial das fadas tentadoras,

Eu brindo aos mortos! — disse: à legião sagrada

Que foi à solidão, à eternidade, ao nada!
— Às almas e ao pudor destas gentis senhoras.

VII

OS SONHOS MORTOS

Embora triste a noite, a vagabunda lua
Mais branca do que nunca erguia-se nos céus,
Igual a uma donzela ingênua e toda nua
No leito ajoelhada erguendo a fronte a Deus!

O mar tinha talvez cintilações funestas.
A praia estava fria, as vagas davam ais;
Semelhavam, ao longe, as extensas florestas
Fantasmas ao galope em monstros colossais.

E eu vi num campo imenso, agreste e desolado,
Imerso no fulgor diáfano da luz,
Juncando tristemente o solo ensanguentado
Sinistra multidão de corpos semi-nus!

Tinha a morte cruel, em sua orgia louca,
Deposto em cada fronte um osculo brutal;
E um irônico riso ainda em muita boca
Se abria, como a flor fantástica do mal!

E eu vi corpos gentis de virgens delicadas
Beijando a fria terra, as mãos hirtas no ar,
Em sagrada nudez!... Cabeças decepadas!...
Em muito peito ainda o sangue a borbulhar!...

E sobre a corrupção das brancas epidermes
Luzentes de luar e d'esplendor dos céus,
Orgulhosos passando os triunfantes vermes,
Da santa formosura os últimos Romeus!

Se tu minha alma livre ainda hoje conservas
Memória das visões que amaste com fervor
Aí as tens agora alimentando as ervas
De novo dando à terra o que ela deu à flor!

São elas! as visões dos meus dias felizes,
Meus sonhos virginais, as minhas ilusões,
Que a seiva dão agora aos vermes e às raízes,
Que em pasto dão seu corpo a novos corações!

São as sombras que amei, divinas, castas, belas;
As quimeras gentis, os vagos ideais,
Que de rosas cingi, que iluminei d'estrelas,
E que não podem já da terra erguer-se mais!

VIII

FALA A ORDEM

Pequeno, d'onde vens cantando a Marselhesa;
Da barricada infame, ou d'outra vil torpeza?

Que esplêndido porvir! Do nada apenas sais
Começas a morder as púrpuras reais
Ó filho trivial da lívida canalha!...
E, vamos, deixa ver, guardaste uma navalha,?!
Não tremas que eu bem vi! que trazes tu na mão?
Intentas já limar as grades da prisão,

Fazendo cintilar um ferro contra o sólio
Arcanjo que adejais nos fumos do petróleo?!...
Mas, vamos abre a mão: não queiras que eu te dê.

Bandido eu bem dizia! — a carta do A B C!...

IX

Ó lírios da cidade, ó corações doentes
Das vagas afecções modernas e galantes;
Eu sei que vós morreis aos sons agonizantes
Das orquestras febris, — nos sonhos dissolventes!

Sois os frutos gentis que balançais pendentes
Nas árvores da vida; e os pobres viajantes

Famintos d'ideal, sorriem triunfantes
Julgando-vos colher nas seivas inocentes!

E tragam com fervor o pomo apeteçido
Que deve ter um mel oculto no tecido,
— Um raio bom do sol que nos sorri tão alto;

Mas vós que sois da moda um luminoso aborto,
Como os frutos cruéis das margens do mar morto
Apenas conteis dentro uma porção d'asfalto!

X

MISÉRIA SANTA

Entrando esta manhã num templo da cidade
Aberto à multidão mas triste e quase só,
O ver ao desamparo a velha majestade
Num trono a desabar, meteu-me certo dó.

Restavam tão somente alguns dourados velhos
Do passado esplendor, e foi-me fácil ver
Que uma nuvem de pó cobria os evangelhos
Como cousa esquecida e imprópria de se ler!

A virgem, sobretudo; a mãe predestinada
Que o Gólgota lavou nas lágrimas de fel
Que sempre há de chorar toda a mulher amada,
Ou seja a mãe de Cristo, ou seja a de Rossel;

Achei-a desolada e triste lá num canto,
Sem pompas e sem luz, coberta d'ouropéis
Tão velhos como o roto e desbotado manto
Que há muito, já, deveu à crença dos fiéis!

Dizer-me pode alguém d'afetos bons e puros
Que eu posso ainda encontrar as belas catedrais
Aonde o simples Cristo e os mártires obscuros
Campeiam no fulgor de pompas teatrais.

Bem sei; mas como disse, o acaso ou o quer que fosse
Levou-me a um templo pobre e foi nele que vi

Que há mendigos do céu, d'olhar sereno e doce,
Proletários do altar a quem ninguém sorri!

E ao ver esta humildade, — eu tenho d'isto às vezes, —
Pensei, não sei porque, nas mórbidas visões
Que não passam de ser as filhas dos burgueses
Mas de rendas de França enfeitam seus roupões!

XI

ASTRO DA RUA

Fazia ontem já tarde um nevoeiro espesso.
— Que insônia em mim produz este úmido vapor! —
Eu vinha enfastiado, ou turvo, enfim confesso,
Dos fumos do café, da luz e do rumor.

Um fantástico véu cobria as longas praças;
E o gás ria através da grande cerração
Que em lágrimas descia ao longo das vidraças
E em flocos d'alva neve umedecia o chão.

Eu mesmo achava em tudo um tom maravilhoso.
Dispus-me a crer no céu a amar este ideal:
Do súbito eis que passa um astro radioso
Luzindo-me através do mágico cendal!

Que vaga exalação ó cousas vis que adoro!
Que belo olhar de Deus, deixai-me assim dizer!
Pelo sulco de luz julguei um meteoro,
Pelo aroma subtil sonhei uma mulher!

Passou porém, fugiu: no fim eis em resumo
A sua breve história! o sonho é sempre assim!
Há cousas que ao passar ainda deixam fumo:
Aquela só deixava um vácuo dentro em mim.

Arcanjos caminhei, que eu espero o grande dia
Da nossa atroz vingança, ó déspotas do céu!
Nossa alma anda algemada à vossa tirania
Mas há de erguer-se a escrava... — Assim dizia eu

E a mesma aparição de novo a deslumbrar-me!
De novo a mesma aurora o espaço a iluminar!
Agora pude vê-la e posso recordar-me
Dos abismos de luz que havia em seu olhar.

O astro vinha envolto em nuvens d'escumilha:
De resto era uma fada, eu mais não sei dizer.
Deixava atrás de si um aroma de baunilha
D'um louco se abismar d'um pobre enlouquecer!

Quem quer que sejas tu, que sejam sempre belos
Teus céus sem vendaval, teus dias sem revés!
Feliz de quem poder beijar os teus cabelos
E aos lábios aquecer os teus pequenos pés!

— Dizendo caminhei. Porém novo prodígio!
Ainda a perseguir-me a mesma aparição
E eu ainda sentia o lúcido vestígio
Que há pouco em mim deixara a outra exalação!

Mas agora reparo, atento em sua chama!
Que olhar tão insolente, o céu não luz assim!
Na gáse que ela arrasta há um debrum de lama,
Na face macerada uns traços de carmim!

Oh! astro! enfim conheço a órbita que traça
O teu curso veloz! bem sei onde tu vais!
Prossegue no teu giro em volta dessa praça
E Deus te dê mais luz e menos lamaçais.

XII

Quando Marta morrer, depois do extremo arranco,
Não tratem d'orações;
Desprendam-lhe o cabelo o vistam-na de branco
Á moda das visões.

Desejo vê-la então passar desta maneira
Depois de tal revés,
Por entre a chama azul e tênue da poncheira
No fumo dos cafés.

Àquele bom país das pálidas quimeras,
Monotonia azul;
Não temam que ela vá no fogo das esferas
Queimar o véu de tule.

Assusta-a muito o frio, a chuva, o sol dos trópicos
A nuvem triste e vã,
E podem-lhe prender os pés tão microscópicos
As nevoas da manhã!

De noite ela virá com seus trajes singelos,
Arcanjo d'outros céus,
Nos suspiros febris dos meigos violoncelos
Dizer-nos mal de Deus.

Contar-nos por que foge à doce transparência
Que o céu formoso tem,
Meiga filha gentil da mesma decadência
Que é nossa boa mãe.

Se as lágrimas de luz que chora o firmamento
Em noites de luar,
Ao seu pescoço nu pudessem, num momento,
Cingir-se num colar;

De certo ela daria ao pálido cometa
E à estrela trivial,
A mesma adoração que dava à cançoneta
Que amou até final!

E à saída do circo, ao astro romanesco,
Á noite iria, então,
Contar, ainda a sorrir, o ardor funambulesco
Do lívido truão!

Assim, não quer ouvir aos coros invisíveis
Um hino d'enfadar,
Cantado por milhões d'arcangjos insensíveis
Sem um que a possa amar!

E não lhe esquecem nunca os rápidos instantes
Do que ela amava mais:
— A vida iluminada à luz dos restaurantes
Num sonho de cristais!

XIII

AS VÍTIMAS

Eu vejo muita vez e raro já me assombro
— Minha alma tanto afiz às tristes comoções! —
Na rua, junto a mim, passar ombro com ombro
No transito penoso as longas procissões,

De vítimas da sorte e vítimas do mundo!
Umhas boas, gentis, outras feias, cruéis,
Envoltas num sudário ou num burel imundo;
Nas pompas teatrais, nas galas dos bordeis,

Não são filhas do sonho ou criações quiméricas
Da mente alucinada, ou vagos ideais;
São magros peitos nus, são faces cadavéricas,
São as tristes, as vis desolações carnaís.

São pequenos sem pão que vão pedindo esmola
Nas lamas encharcando os regelados pés:
Que dormem nos portais, que nunca vão à escola
— Flores que enfeitarão a noite das galés!

São aquelas gentis e pobres costureiras
De peito comprimido; anêmica expressão;
Que passam a tossir, cansadas, com olheiras,
Ganhando em todo o dia apenas um tostão,

Curvadas a cozer o languido veludo,
O irritante cetim dos grandes enxovais,
Das Princesas do Banco, herdeiras d'isto tudo;
Depois indo morrer nos tristes hospitais!

São os pobres heróis que os seus irmãos combatem;
Que morrem sob o peso enorme dos canhões,
E o cortejo de mães pedindo aos reis que as matem
E os reis fazendo rir das suas maldições!

São da lúgubre noite umas flores sem nome
Batidas muito já dos grandes vendavais,
Que, por que sentem frio ou por que sentem fome,
Derramam pelo seio aromas triviais

E fingem depois ser aparições divinas,
Erguendo um pouco a saia, a fimbria sensual,
Abrindo um vil leilão de beijos, nas esquinas,
Aos apetites vis da multidão brutal!

São mineiros sem luz; são velhos britadores,
Que o contato da pedra um dia endureceu,
Queimados pelo sol, gelados nos horrores
Do tumulto cruel que em vida os recebeu!

São aqueles heróis, em fim, dos grandes sonhos,
Que sentiram na terra as vastas corrupções
E às turbas apontando uns mundos mais risonhos
Tentaram espedaçar os últimos grilhões

E que passam também um tanto contristados,
Talvez cheios de tédio, ao verem que hoje, nós,
Os deixamos seguir ainda apedrejados
Não raro desprezando a sua augusta voz!

E a grande multidão de mártires sublimes,
De tristes seminus, constante a caminhar,
Aos céus erguendo as mãos, queixando-se dos crimes
Dos déspotas que aos pés não cessam de os calcar!

A fila tenebrosa, a procissão de vítimas,
Aumenta mais e mais; não deixa de crescer!
E do estigma cruel das penas mais legítimas
Em muita frente bela um traço podeis ver!

Caminhe muito embora: a sorte é sempre varia
E a turba sofredora, ó grandes bem sabeis,
Podia dividir a túnica cesárea
Lançando aos que estão nus a púrpura dos reis!

XIV

EVOCAÇÃO

Levanta-te Romeu do tumulto em que dormes
E vem sorrir de novo à boa, à eterna luz!
De noite, ouço dizer que há sombras desconformes

E as noites do passado, oh, devem ser enormes
Na atonia fatal das larvas e da cruz!

Conchega gentilmente ao peito carcomido
Os restos do teu manto: — assim, que bem que estás!

Na terra hão de julgar-te um grande Aborrecido
Que busca desdenhoso o centro do ruído
Nas horas vis do tédio e das insônias más.

O mundo transformou-se; aquele fundo abismo
Do antigo amor fatal, fechou-se d'uma vez,
E tu filho gentil do velho romantismo,
Tu vens achar dormindo o rude prosaísmo
No berço onde sonhava a doce candidez!

No entanto podes crer; faz muito menos frio
Á luz do novo sol; do gás provocador;
E o século apesar de gasto e doentio,
Não pode já escutar o cântico sombrio
Que fala de ideais e cousas sem valor!

Em paz deixa dormir a terna Julieta
Que aos céus ainda por ti levanta as brancas mãos;
E em quanto por mim corre a tétrica ampulheta,
Da musa alegre e vil da torpe cançoneta
Saudemos a nudez a par dos bons pagãos!

Nas praças, tu bem vê; a turba prazenteira
Inunda-se na luz de mil constelações!
E os arcanjos da rua assomam na poeira
Que exala o macadam, trazendo em cada olheira
O astro criador das grandes sensações!

E quando a cotovia à estrela matutina
Mandar a saudação, lá fora, em pleno céu,
Romeu tu beijarás, que é tua eterna sina,
A trança da beleza anêmica e franzina
Que entre os fumos da festa, a amar, adormeceu!

Boas noites coveiro: a tua enxada
Não cessa há tanto tempo de cavar?!
Cavaleiro da morte, ó fronte desolada
Não sentes a mão trêmula e cansada
De tanto trabalhar!

Tu esperas hoje as legiões sombrias
De mortos, que eu suponho ao longe ver?
Os felizes caídos nas orgias
E os tristes que além todos os dias
O gelo vem colher?!

Que imensa vala aberta! são medonhos
Os risos dessa boca infame, alvar!...
Descansa dos teus dias enfadonhos!
— Eu cavo a sepultura dos teus sonhos
Não posso descansar!

XVI

FLOR DA MODA

Alice, o turbilhão das salas elegantes,
Começa a entristecer; ninguém sabe por quê!
Aquela flor doente amava muito dantes
As festas, o ruído, as cousas deslumbrantes,
Agora é desolada e penso que descrê.

Que tédio se abrigou na vaga transparência
D'um todo tão subtil, aéreo, divinal.
— Moderna criação da santa decadência,
Que alia gentilmente às pompas da regência
Os indecisos tons d'um ar sentimental?!

Arcanjo por quem és! desvenda esse mistério
Das vagas opressões da tua insônia má,
E diz-me o teu sonhar visão do baixo Império,
Vestal que amas o gás e tens o fogo etéreo
Na conta d'uma cousa um tanto usada já!

No idílio pastoril das noites venturosas
Não sonhas tu de certo, e raro o hão de sonhar

Num mundo todo nosso, as belas desditosas
Que em trinta anos de fogo as suas velhas rosas
Nos grandes vendavais sentiram desbotar!

E quando a augusta voz do mar ou das florestas
Abala o coração dos justos e dos bons,
Bem sei que tu não vais, fugindo às grandes festas,

No amor das castelãs cismar entre as giestas
Com medo que te acorde a bulha dos vagões!

Eu sei talvez teu mal! A febre que hoje sentes
Abrasa a geração de lírios ideais
Que passam, como tu, galantes e doentes,
D'um amor desordenado às cousas dissolventes,
Às vozes da guitarra e aos cantos sensuais!...

E tem de os consumir a grande nostalgia
D'um mundo mais à moda e menos trivial,
Onde haja um grande caso, ao menos, cada dia
E se possa esquecer a vil monotonia
De tudo que nos cerca: — Alice eis o teu mal!

No entanto eu sei que és boa: apenas das insônias
A febre, mãe cruel d'estranhas sensações,
Na fria placidez do gás e das begônias
Constrói na tua mente as grandes babilônias
D'um mundo extraordinário e monstro de visões!

Tocou-te um mal galante: és tênue e caprichosa:
És boa e fazes gala em que te julguem má.
E sentes sobre tudo uns tédios cor de rosa
E os êxtases cruéis d'uma mulher nervosa:
— Se existe a mulher-flor, tu és a flor de chá!

E chame-te o bom Deus ao foco aonde brilha
Aquela eterna luz, amor dos imortais,
Que tu amortalhada em rendas e escumilha
Achar deves, talvez, da moda, ó terna filha,
O céu modesto um pouco e os anjos triviais!

Ó máquinas febris! eu sinto a cada passo,
Nos silvos que soltais, aquele canto imenso,
Que a nova geração nos lábios traz suspenso
Como a estância viril d'uma epopéia d'aço!

Enquanto o velho mundo arfando de cansaço
Prostrado cai na luta; em fumo negro e denso
Levanta-se a espiral desse moderno incenso
Que ofusca os deuses vãos, anuviando o espaço!

Vós sois as criações fulgentes, fabulosas,
Que, vibrantes, cruéis, de lavas sequiosas,
Mordeis o pedestal da velha Majestade!

E as grandes combustões que sempre vos consomem
Começam, num cadinho, a refundir o homem
Fazendo ressurgir mais larga a humanidade!

XVIII

A CRISTO

Precisamos Jesus, se não te sentes velho,
Que cinjas novamente o resplendor de luz
E venhas explicar a letra do evangelho
A muitos que hoje vês prostrados ante a cruz!

Ainda não cessou, de todo, essa contenda
Que um dia, há muito já, tentaste debelar:
E aqueles que são bons e adoram tua lenda
Desejavam também ouvir-te hoje falar.

Apenas ressoasse o teu verbo indignado,
O látego febril das grandes corrupções,
Iria atrás de ti um mundo revoltado
Que sente na consciência a luz das redenções.

E embora não houvesse, aqui, outra alma gêmea
Da tua, e tão ungida em bálsamos dos céus,
Havia d'encontrar essa alma de boêmia
Que sonha uma justiça e sente em si um Deus!

Mas não, não voltes cá: teu corpo combalido
Não pode suportar os gelos da manhã.
Precisavas de pão, d'abrigo e de vestido
E a vida aqui é cara e longo o macadam!

Terias d'encontrar, de certo, mil estorvos
No mundo revolvido, e escuta-me Jesus:
Se não fosses, em fim, comido pelos corvos
Talvez te fuzilasse um cura Santa-Cruz!

Serias apontado a dedo, muitas vezes,
Como um simples bandido, um agitador feroz,
E haviam de esconder seus ouros os burgueses
Apenas ressoasse, ao longe, a tua voz!

Depois vinhas achar a par do proletário,
Ao pé do que se inunda em bagas de suor,
Aquele velho Pedro, agora milionário,
E triste por pensar que já esteve melhor!

E perto do ócio vil à sombra do qual medra
O egoísmo feroz que extingue o coração,
Lutando todo o dia o britador de pedra
A quem à noite espera, em casa, um negro pão;

E uns pequenos sem cor; talvez cheios de fome,
Com pouca luz no olhar; atrofiados, nus;
Abrindo os olhos muito à côdea que ele come
E indo-se deitar sem roupas e sem luz!

Assim deixa-te estar. O teu cadáver triste
Recende uma fragrância etérea e divinal,
Enquanto o mundo segue e vai de lança em riste
Sem tréguas combatendo as legiões do Mal!

Tu foste o paladino, o trovador sagrado,
Que falaste do amor, da paz e do perdão,
E o ferro que varou teu corpo lado a lado
Contudo inda reluz altivo em muita mão!

Nós, hoje, quando em luta erguemos sobre a liça
O gládio vingador das opressões cruéis,
Soltamos, num sorriso, o nome da Justiça,
E há quem saiba morrer sem bênçãos nem lauréis!

Descansa pois Jesus! Bem basta que tu sintas,
Nesse velho sepulcro, o imenso vozear
Dos mineiros sem luz, das legiões famintas,
Que nunca, um dia só, deixaram de lutar,

Mas que não de em fim vencer, porque a suprema essência
A jorros caído céu nas mãos dos Prometeus,
E tanto vai subindo a vaga da consciência
Que um dia há de abismar-se em nós o próprio Deus

XIX

Eu tive um sonho estranho: ouvi que vou dizê-lo.
Era em praia deserta, em frente a um longo mar:
Nos céus havia a nevoa, a mãe do Pesadelo,
E o vago, o incerto, o informe em tudo a oscilar!

De súbito surgiu, na praia, uma criança
D'olhar profundo e bom, d'angélica expressão,
E o mar contemplou com tanta confiança
Que nem que visse nele o berço d'um irmão!

Mas a vaga subindo, em cada extremo arranco
Levando ia consigo aquela flor dos céus!
E em breve só boiava um tênue vulto branco
No mar onde flutua o espírito de Deus!

Mais tarde à beira-mar chegava a pura imagem
Da mais casta mulher que em vida pude ver.
Detinha-se distante: — a espuma da voragem
Só meia extenuada aos pés lhe ia morrer! —

O imenso mar, porém, crescia a cada instante
Mais turvo e mais veloz! depois... Não quis ver mais.
Ergui-me e caminhei de val em val errante
Pensando tristemente em coisas ideais! —

Ao longe, muito além, na serra desviada
De súbito encontrei — ó estranha aparição — !
Uma pobre velhita enferma e desolada
Trazendo já no olhar a grande cerração!

Que idéia me assaltou não sei dizê-lo agora.
Aonde iria o espectro, aquela sombra vã?
Iria aonde vai o que ontem foi aurora
E aonde irão também as rosas d'amanhã?...

Dos meus instantes bons, ó lúcida quimera,
Bem vês que os sonhos maus são fáceis d'esquecer!
Que importa a grande noite em plena primavera,
Que importa o que tu foste, o que és, e o que hás de ser!!

XX

O GRANDE TEMPLO

Eu não traço o burel do magro cenobita
Nem me posso infligir cruéis macerações;
Mas não rio d'alguém que busca a paz bendita
No seio casto e bom das grandes solidões.

Bem sei que há na montanha aromas penetrantes
E certas vibrações que podem fazer mal;
Mas se é preciso Deus, direi que é melhor antes
Amá-lo com fervor no templo universal!

Em quanto sobre o altar das serras azuladas
Mil lâmpadas do céu derramam toda a luz,
Nas velhas catedrais, já meio arruinadas,
O Tempo, — o grande verme! — até devora a cruz!

Depois é fácil ver, por entre os arabescos
Que a arte sensual traçou com tanto amor,
Às vezes, o sorrir dos Sátiros grotescos
Pungindo cruelmente a face do Senhor.

Ou mais; podemos nós voar todos Cativos
Do sereno ideal, daquele sumo bem,
Ao vermos tanta vez os Faunos mais lascivos
Olhando de revés a virgem nossa mãe?!

E ainda mil traições: as músicas, as flores
Os lindos serafins voando todos nus;

Da seda que se arrasta os languidos rumores
Do incenso as espirais; os turbilhões de luz!

Oh! visto haver de tudo; aromas e decotes,
O vinho cintilante, a viva luz do gás;
Que a vossa rouca voz, pomposos sacerdotes,
Não cante apenas Deus; que solte alguns *hurrahs!*

O fumo dessa festa, a mim, pouco me assusta.
Se eu quero alguma vez fugir do pó, voar,
Eu tenho o val profundo ou a floresta augusta,
As montanhas, os céus, e o belo, o vasto mar!

Da casta natureza ó templo gigantesco,
Tu és mais amplo, sim; mais livre, muito mais!
O meigo e doce olhar do Cristo romanesco
A multidão gentil não chama aos teus umbrais.

XXI

A UM CERTO HOMEM

Agora és todo nosso: a rude voz da história
Já pode hoje falar
E dar-te um balancete às nodoas e à glória
Rei-sol de *boulevard*.

Que dias d'esplendor! Porém como começa
A noite e a podridão!
Foi Deus que te mandou também para a Lambessa
Da eterna punição!

Enfarda a tua glória e leva-a que é vergonha
Que vejam amanhã,
Que até lhe depenou as águias de Bolonha
O abutre de Sedan!

E visto que em redor nenhuma estrela brilha
E a noite é longa e má,
No caminho do opróbrio acende a cigarrilha
E, Cezar, ouve lá:

Que ativa e bela a França! aquela Gália ardente
Que de Valmi levou,
Descalça, quase nua; a Marselhesa em frente;
Nossa alma até Moscou!

Seus filhos tem a foice: envergam rudes clâmides
Depois, caminham sós;
E em quanto ceifam reis acordam nas Pirâmides
A alma dos Faraós!

E vão cheios de fé, bandeira solta ao vento,
Na gleba das nações,
Convictos semeando o novo pensamento
No sulco dos canhões!

Mas tu chegas um dia: afogas-lhe a grandeza
E quando a tens aos pés,
Celebras a vitória aos hinos de Tereza,
A musa dos cafés!

Banquetes dás ao crime; e os teus heróis d'esquina
Ainda a afrontam mais,
Tornando a *Marselhesa* em torpe Messalina
D'um circo de chacais!

E sobre alguns montões de mortos ainda quentes,
Enfim campeias, tu,
Que deste à sagração das cousas dissolventes
Um Petrônio-Sardou!

Porém, quando ao colher ainda um beijo à Fama
Um dia avanças mais,
Teu carro triunfal trambolha-te na lama
E então como tu sais!...

Revolves-te no horror das vis, infectas ondas
De lodo e podridão,
E vais de manto roto e vestes hediondas
Buscar a escuridão!

Em vez de reclinar a fronte ao sol ardente
Da luta que sorri,
Do fumo dos canhões fugiste, e de repente...
Matou-te um bisturi!...

Que entrada a tua, então, na fúnebre morada,
Pisando, incerto, o pó,
Á luz d'uma *lanterna*, ao vir da encruzilhada,
Sinistro, sujo e só!

Das cinzas levantou-se um brado entre os jazigos
Dos bons e dos leais,
Apenas descobriste a marca dos *castigos*
Nas faces triviais!

E quando te assustava o olhar altivo d'Hoche
E o gesto de Danton,
Sorria-te na sombra o amor da Rigolboche
Meu cesar-Benoiton!

73 — Janeiro

XXII

À HORA DO SILÊNCIO

Eu quis ontem sonhar, sentir como um romântico
A doce embriaguês do pálido luar,
Ouvindo em pleno azul passar o imenso cântico
Dos astros no seu giro e em sua luta o mar!

A cidade dormia o sono dos devassos;
Aquele sono turvo, infecto e sensual:
E a lua, antiga fada, erguia nos espaços
Tranquila e sempre ingênua a frente de vestal!

E sobre a quietação das coisas vis e exóticas
Sentiam-se as febris, cruéis respirações,
Dos tristes hospitais e das virgens cloróticas,
Dos amantes fatais da febre e das paixões!

A noite era em silêncio, a atmosfera doce
E ria a natureza aos beijos d'um bom Deus.
De súbito escutei, ao longe, o quer que fosse
D'um canto que supus então baixar dos céus!

Atento ao vago som, porém, a pouco e pouco
Senti que era uma voz disforme e sensual,
Soltando uma canção naquele acento rouco
Da triste inspiração alcoólica e brutal!...

Ó terna vagabunda, enamorada lua!
Enquanto ias assim, diáfana e sem véu,
Uma triste mulher passava, então, na rua
Cuspindo uma porção d'infâmias para o céu!

XXIII

Eu quisera depois das lutas acabadas,
Na paz dos vegetais adormecer um dia
E nunca mais volver da santa letargia,
Meu corpo dando em pasto às plantas delicadas!

Seria belo ouvir nas moitas perfumadas,
Enquanto a mesma seiva em mim também corria,
As sãs vegetações, em íntima harmonia,
Aos troncos enlaçando as lívidas ossadas!

Ó beleza fatal que há tanto tempo gabo:
Se eu volvesse depois feito em jasmims do Cabo,
— Gentil metamorfose em que nesta hora penso; —

Tu, felina mulher com garras de veludo
Havias de trazer meu espírito, contudo,
Envolto muita vez nas dobras do teu lenço!

XXIV

O VELHO CÃO

Soltava ontem já tarde um velho cão felpudo
Uns doloridos ais,
Em frente d'um palácio altivo, belo e mudo,
Cerrado aos vendavais.

Fazia pena ouvi-lo, o mísero molosso
Em seu triste chorar!
Era quase uma sombra: apenas pele e osso
E um vago, um doce olhar!...

Eis a sorte cruel do pobre que não come,
Dos míseros sem pão!
Em paga ainda em cima os vai tragando a Fome,
A negra aparição!

Latia o cão faminto. O frio era mordente,
Feroz, quase voraz!
E o pobre não sabia, em fim, que há muita gente
Que adora a santa paz.

Ora perto vivia uma galante rosa,
Etérea, virginal,
Que tinha um lindo colo, amava, era nervosa
E a quem fazia mal,

Aquele uivar sinistro; a ponto de em desmaios
Pender a frente ao chão!
Saíram pois à rua impávidos lacaios
E foram dar no cão.

— Há no mundo um rafeiro, um velho cão esfaimado,
— O povo sofredor,
Que às vezes vai ganir, com fome, o seu bocado
Às portas d'um senhor.

O resto é velha história: ocioso é já dizer-vos
O fim que ela há de ter.
A Ordem, só d'ouvi-lo, alteram-se-lhe os nervos
E manda-lhe bater!

XXV

AS VELHITAS

Eu não professo muito o culto das ruínas.
Prefiro uma oficina às velhas barbacãs;

Das velhinhas, porém, mirradas, pequeninas,
No entanto nunca insulto as prateadas cãs.

Deixá-las caminhar, curvadas, vagarosas,
Com seu bento rosário, os seus fofos beitões,
A rirem-se de nós, cruéis, maliciosas,
Sagazes comentando as nossas ilusões!

Ah, velhitas sem cor! cabeças regeladas,
Vulcões de que só resta a cinza e nada mais:
Já fostes as visões; talvez as brancas fadas;
Predestes vossos pés nos úmidos rosais;

Tivestes já no olhar os bons reflexos mágicos
Dos lagos ideais cobertos de luar;
As curvas sensuais, os belos dedos trágicos;
As rosas más do inferno, os lírios bons do altar!

Pendestes já cismando as fronte melancólicas
Nas varandas à noite, amantes dos Titãs
Do belo amor antigo! ó Márcias das bucólicas!
E agora apenas sois as mães de nossas mães!

Segui vosso caminho: as graciosas fadas,
As belas da cidade, anêmicas, gentis,
Sorriem-se, talvez, das fitas desbotadas,
Dos provectos chapéus, das galas que vestis!

Oh! mostrando os troféus das vossas velhas rosas,
Dizei-lhes, a sorrir das fúteis ilusões,
Que fostes já, também, galantes e nervosas
Mas destes isso tudo a vários corações!

Agora tendes pouco: apenas uns lamentos
Sentidos contra nós; queixumes sem valor
E ao mundo importam muito os vossos testamentos
E importa muito pouco a vossa imensa dor!

Batei à grande porta: os belos dias vossos
Velhitas, bem sabeis, não podem voltar mais!
Á terra ide levar, em fim, n'uns tristes ossos
O resíduo fatal das cousas virginais!

XXVI

ÀS VISÕES

Pois que visões! não cessa a rápida corrida
E seja noite ou dia,
Volteadoras cruéis! vós sempre a toda a brida
Na minha fantasia!

Parti quimeras vãs! arcanjos ou *madonas*,
Parti, que o mando eu,
Como um bando fatal de velhas amazonas
Que o circo aborreceu!

Levai tudo convosco: as setas mais a aljava;
O angélico sorriso;
E as azas d'escumilha em que eu voava
Á noite, ao paraíso!

Eu quero, em fim, dormir; passar as noites gratas
Sentindo-me feliz,
No sono maquinal dos velhos acrobatas
Depois das farsas vis!

Mais tarde hei de sorrir, ou escarnecer-me quase,
Lembrando-me — ó verdade! —
Que onde eu supunha aurora havia apenas gaze
E uns traços d'alvaiade.

Perdão se vos insulto! oh, não, vós sois do empíreo,
Daquele meigo azul,
Que a todos tem sorrido: a Cristo no martírio,
Na dor, ao rei de Thule;

E quando vos apraz, nas azas transparentes,
Mais alto ides por certo,
Do que as deusas gentis, áreas, insolentes,
Que vemos voar tão perto!

No entanto podeis crer ó lúcidos fantasmas
Que o século, afinal,
Oculta no esplendor não sei que vis miasmas
Que fazem muito mal!

E quando vós passais, nas horas do mistério
Destrelas revestidas,
Bebemos nós, talvez, o aroma deletério
Das rosas corrompidas!

Oh sim! parti depressa; erguei-vos deste abismo
Arcanjos ideais,
Deixando-nos colher a flor do realismo
Nas coisas triviais!

XXVII

Melancolias do outono! Eu quando além descobro,
Nas tristezas do campo, as filas mugidoras
Dos vagarosos bois que voltam das lavouras,
Compungem-me as cruéis desolações d'outubro!

Das orlas do poente, afogueado, rubro,
Ó moribundo sol! com que poesia douras,
As formas triviais das cabecitas louras,
Que, às portas dos casais, de bênçãos também cubro!...

Solta o canto final a orquestra da folhagem:
São horas de partir; apresta-se a viagem,
E as noites dos saraus não de voltar mais belas!

Mas as vistas lançando às regiões saudosas,
Nos esforços cruéis das tosses dolorosas,
Em bandos vão partindo as tísicas donzelas!

XXVIII

O VELHO MUNDO

Eu vejo em toda a terra um vasto cemitério,
A necrópole imensa, a campa dos colossos,
Aonde em paz descansa o velho megatério,
Por entre a fauna morta, os carcomidos ossos!

E os grandes leviatãs dos primitivos mares;
Os tremendos répteis, cruéis, descomunais,
Celebram no silêncio as núpcias singulares
Dos seus resíduos vis, com ricos minerais!

E os esqueletos nus dos lívidos gigantes
Abraçam-se melhor; conchegam-se na cova,
Deixando um lugar vago aos velhos elefantes
Que vão fugindo à luz da natureza nova!

Também no mundo interno as almas vão seguindo.
Na corrente da vida, em mil circulações;
E da consciência humana o largo abismo infundo
Oculta, há muito já, disformes criações!

Elas dormem na sombra imensa do passado
Aonde em breve hão de ir nos trances doloridos,
A velha Realeza e o trêmulo Papado
Sem forças descansar os corpos corrompidos.

Depois virão mais tarde as gerações futuras
E os dois espectros vãos da sombra hão de evocar,
Bem como a nossa voz, as grandes criaturas
Do mundo primitivo, obriga a despertar.

E as crianças terão seus nomes de memória,
Como exemplo, na vida, a todos os momentos;
E vê-los-eis de pé, nas páginas da história,
Grotescos, maquinais, pesados, sonolentos;

Fazendo-nos pensar; d'espanto enchendo tudo;
Sofrendo o riso alvar do ingênuo e do plebeu,
Iguais ao mastodonte armado para estudo
E exposto às irrisões nas salas d'um museu!

XXIX

Eis a velha cidade! a cortesã devassa,
A velha imperatriz da inércia e da cobiça,
Que da torpeza acorda e à pressa corre à missa!
Baixando o olhar incerto em frente de quem passa!

Ela estreita no seio a velha populaça,
Nas vis dissoluções da lama e da preguiça,
E nunca o santo impulso, o grito da Justiça,
Lhe fez estremecer a fibra inerte e lassa!

E pode receber o beijo e a bofetada
Sem que sinta o rubor da cólera sagrada
Acender-lhe na face as duas rosas belas!

Somente d'um sorriso alvar e desonesto,
Às vezes, acompanha o provocante gesto
Quando soa a guitarra, à noite, nas vielas!

XXX

Á NOITE

Eu gosto de velar a percorrer os mundos
Ó noite dos bons cânticos,
Aos lividos clarões dos astros vagabundos
Nos êxtases românticos,

Enquanto a vil cidade, a cortesã devassa
Dos falsos ouropéis,
Com seus famintos cães, a sua lua baça
E os seus negros bordeis,

Resona torpemente aos beijos deletérios
D'alguns velhos amantes;
— Os longos hospitais e os tristes cemitérios
Que a afagam delirantes!

Contudo eu também sei que existe muito instante
De gelos, em que tu,
Feroz, cravas o dente agudo e penetrante
No pobre seio nu!

Que há horas em que vens, nas úmidas cidades,
Nas choças, nos esgotos,
Cuspir cinicamente as frias tempestades
No seio vil dos rotos,

Sem ter pena, sequer, da pobre mãe que passa
Um dia sem ter pão,
Nem dessa esfarrapada e velha populaça
Que rosna como um cão!...

Mas em breve deixando as tenebrosas vestes,
O manto dos horrores,
E o gládio vingador das cóleras celestes
Ó noite dos amores,

Retomas o tom puro e santo do mistério
Da pálida mulher
Que vai colher, cismando, um lírio ao cemitério
E ao campo um malmequer!

Em horas de tormenta és a mulher colérica!
Até cospes na cruz!
E formam-te espirais na coma atmosférica
As víboras de luz!

Porém no teu regaço, altivo, casto, enorme,
Em doce e plena paz,
É que a virtude sonha e que a desgraça dorme
Depois das horas más,

E em lúcidos cristais, há cintilantes vinhos;
Os casos mais galantes;
As languidas canções; os belos desalinhos
E os gestos provocantes!...

Ó filha do silêncio! Aos puros alabastros
Dos ombros ideais,
Se Deus arremessasse a quantidade d'astros
Que em ti brilham a mais,

As pálidas visões que passam doloridas,
E um tanto contristadas,
Haviam de surgir destrelas revestidas
Em trajos d'alvoradas!

Em ti cuida escutar uns sons inexprimíveis
De languidas canções,
O pobre sonhador de coisas impossíveis
Que adora as solidões!

E quando o resplendor de mundos luminosos
Na tua fronte cinges,
Os gatos sensuais, elétricos, nervosos
Repousam como esfinges;

Enquanto as combustões dos lívidos cometas,
Errantes e fatais,
Consumem lentamente as grandes borboletas
Dos nossos ideais!

XXXI

A VALA

Trazei mortos à vala; a hidra está com fome
E deve ser-lhe longa a hora em que não come!
Olhai como ela mostra aqueles que a vão ver,
Inerte, sem pudor, de fauce escancarada,
A amargura cruel da boca desdentada
Que pede de comer!

Lançai ao monstro informe algum repasto novo!
Trazei-lhe carne humana; arremessai-lhe o povo.
Tranzido pelo frio ou morto pelo sol!
E visto haver na fera abismos insondáveis
Mandai-lhe as legiões dos grandes miseráveis
Que morrem sem lençol!

Eu quero vê-la farta, a lúgubre pantera,
Que, na sombra agachada, olhando em roda, espera
A presa que lhe inveja a gula dos chacais.
Começa a ouvir-se ao longe a marcha vagarosa
Da triste procissão cruel e dolorosa
Que vem dos hospitais.

Um velho esquife chega: em duas taboas toscas
Um pobre semi-nu coberto já de moscas,
Num riso deixa ver não sei que tons cruéis!
Enquanto nos sorria a luz das noites belas,
Talvez que ele varresse a lama das vielas
E o lixo dos bordeis!...

E pude, em fim, dormir no seio bom da morte!
Após, como se fora a lívida consorte
Daquele vil despojo, às mesmas horas vem,
Trazendo por sudário os seus vestidos rotos,
Uma triste mulher caída nos esgotos
Sem bênçãos de ninguém!

Devora-os ambos fera! Engole-os juntamente:
Reúne-os em consorcio e dá-os de presente
Á larva que partilha as ânsias do teu ser!
Aguça o teu desejo! — A garra infecta lança
Ao corpo tenro e nu d'uma gentil criança
Que a mãe te vem trazer!

Redobra d'apetite! Alonga-se a teu lado
A fila tenebrosa! O espectro do soldado
A par do que vergou cansado de cavar:
E o mineiro sem luz, o mártir legendário;
E amparando-se a custo ao velho proletário
A flor do lupanar!

Mastiga a turba vil e alonga essa goela!
Bem vêes que vem chegando um corpo de donzela
Que pela candidez recorda uma vestal!
Voou-lhe, num sorriso, o derradeiro arranco
E traz viçoso ainda um grande lírio branco
No seio virginal!

Ó monstro sensual na sombra tripudia!
Celebra no silêncio a tenebrosa orgia,
Que as Deusas vem chegando ao lúbrico festim!
Num beijo os lábios cola à frígida epiderme
E o D. Juan da morte, o cavalheiro Verme,
Que viva e goze enfim!

Eu quero ver-te farta, em hálitos profundos,
Dormindo o sono vil dos animais imundos,
De ventre para o ar; serpente infecta e má!
E amanhã, na estação dos cândidos amores,
Veremos rebentar num tapete de flores
O lixo que em ti ha!

E a santa mocidade; as languidas mulheres;
Virão depois colher os gratos malmequeres,

Pisando-te sem medo e cheias de desdém,
Em danças sensuais; o fato em desalinho;
Compondo-te canções; regando-te de vinho;
Sem pena de ninguém!

E tu que és monstruosa, infame, vil, medonha;
Que não mostras pudor; que não sentes vergonha;
Que és a campa-monturo e não podes ser mais;
Cingida em fim, também, de rosas orvalhadas,
Terás dado um perfume às almas namoradas,
E pasto aos animais!

XXXII

Ó vultos ideais, fantásticos e belos,
Que às vezes revoais nas salas deslumbrantes,
Num grande mar de tule, etéreas, flutuantes.
Aos suspiros fatais dos meigos violoncelos;

Que bom que era sonhar nos pálidos castelos,
à noite, à beira mar, nas solidões distantes,
Nos tempos em que a flor dos tímidos amantes
à lua confiava os íntimos anelos!...

Agora sois gentis, dispépticas, vistas;
Pagais por alto preço as esquisitas rosas;
Nos rápidos vagões correis o mundo em roda;

Mas prostradas do baile, amarrotando a luva,
Enquanto cai na rua a sonolenta chuva,
Cismais no Deus-Milhão, — no Criador da moda!

XXXIII

Eu vejo em tua boca as pétalas vermelhas
D'uma rosa de fogo aonde vão libar,
O mel das ilusões, quais tímidas abelhas,
Uns velhos ideais que em vão tento expulsar.

Dizer-me podes tu de que óvulo espontâneo,
Tocado pelo sol, em mim pude nascer
Este bando cruel que dentro do meu crânio
Não faz há muito já senão roer, roer?!

Às vezes voa ao largo; às serras, às campinas;
Remonta aos astros bons; torna a descer dos céus;
E volta a demolir as trêmulas ruínas
Do templo onde crepita a luz dos dias meus!

Ó grande flor suave! e nisto se resume
A constante batalha, o sempiterno afã!
Aspira a minha essência ao teu grato perfume;
Soçobra o dia d'hoje ao dia d'amanhã!

Oh, volvamos à terra; aos plácidos lugares,
Aonde os himeneus fecundos e reais,
Produzem, dia a dia, os fetos singulares
E as sãs vegetações dos cândidos rosais!

E o que há d'etéreo em nós, que siga as breves fases
D'um fluido transitório, erguendo-se nos céus,
Nas grandes expansões dos fugitivos gases
Onde em línguas de fogo às vezes fala Deus.

Forçoso é separar os dois rivais antigos,
Na batalha cruel que em nós se reproduz.
Sorria o que é da terra aos vegetais amigos;
Rebrilhe o que é do céu nas refrações da luz!

XXXIV

NOS CAMPOS

A fragrância do trevo o das flores selvagens
Da noite embalsamava as tépidas bafagens:
Ao longe os astros bons olhavam-nos dos céus.
O mundo era um altar; as serras grandes aras;
E os cânticos da paz corriam nas searas
Em honra do bom Deus.

No solene silêncio imersa ia minha alma
Em tranquila mudez; naquela doce calma
Que sente germinar os frescos vegetais.
De súbito uma voz deixou-me um pouco extático:
Detive-me um momento; olhei: — era o viático!
De noite a horas tais,

Que andava Deus fazendo, assim, pela campina,
Trazido pela mão d'um padre sem batina
Roubado às sensações d'um longo rressonar?
Fui seguindo o cortejo até que numa choça
O Rei dos reis entrava: o padre, com voz grossa,
Movia-se a rezar.

Nos restos d'uma enxerga, ali, no vil casebre,
Um pobre cavador, mordido pela febre,
Torcia as grossas mãos nas ânsias do estertor;
E os filhos semi-nus sentindo a pena ignota
Tentavam-se esconder na velha saia rota
Da mãe louca de dor!

A voz do sacerdote a custo ressoava.
A palavra d'amor que ali se precisava,
Não posso dizer bem se acaso ele a soltou.
Falava o Deus severo e forte dos castigos,
Ou esse bom Jesus que aos pés d'alguns mendigos
Um dia ajoelhou?

Do padre tinham medo os trêmulos pequenos.
Os magros cães fiéis erguendo-se dos fenos
Latiam tristemente em volta do casal:
E o levita lançava àquela noite escura
A bênção derradeira, erguendo a mão segura,
Num gesto maquinal!

Depois transpondo, à pressa, a porta da cabana,
Saia sem deixar da sã verdade humana
O bálsamo suave, o dom consolador!
Oh, de certo o Jesus de que nos falam tanto
Não era o que deixava ali, naquele canto
Sozinha a mesma dor!

Sorria Deus, no entanto, em toda a natureza!
Nas florestas, no val, nas serras, na devesa,

Nas moitas dos rosais, no movediço mar!
O constelado azul dir-se-ia um santuário!
Havia aquele albergue apenas solitário,
E frio o pobre lar!

E o rude agonizante, o triste moribundo
Que em breve ia partir; abandonar o mundo;
Os seus deixando sós, na terra, sem ninguém,
Talvez ao pressentir o fim da insana lida
Soltasse maldições, ainda, contra a vida
E contra nós também!

E eu lembrei-me então daqueles bons valentes
Que lutam todo o dia e vão morrer contentes
Á noite, ao pé dos seus, depondo os vãos lauréis;
E daqueles, também, de frontes requeimadas
Que pela causa santa, em pé, nas barricadas,
Se batem contra os reis!

Lembraram-me os heróis, serenos, bons, austeros,
Que sagram toda a vida aos ideais severos
Da justiça e do bem; caindo com valor,
Sem que a destra cruel dos déspotas os dome
Nas batalhas da idéia; oprimidos pela fome,
Varados pela dor!

Ó pobres multidões! as grandes noites frias
Não cessam de morder, famintas e sombrias,
Num banquete nefando os vossos corpos nus!
E o lírio da justiça; a grande flor sagrada,
Nem sempre mostra, em vós, aberta e desdobrada,
As pétalas de luz!

Eu quando porem lanço as vistas ao futuro
E vejo dia a dia a despontar mais puro
O grande sol da idéia, em rúbidos clarões,
Recordo-me que sois a produtiva leiva
Aonde já circula uma opulenta seiva,
De grandes criações!

O ÚLTIMO D. JUAN

Daquele de quem falo, as sossegadas lousas
Podiam-vos contar as violações brutais!
A gula com que morde as mais sagradas cousas
D'horror faz recuar os trêmulos chacais.

Não descanta à viola, à noite, os seus enleios:
Ele vive na sombra e eu sei também que vós,
Gentis belezas d'hoje, ó astros dos Passeios,
Lhe não lançais, a furto, a escada de retroz.

Mas sede muito embora as virgens sem desejos,
As monjas virginais, uns pudicos dragões;
Fechai o níveo colo aos vendavais dos beijos,
E às noites de luar os vossos corações;

Um dia há de chegar em que ele, informe, tosco,
Sem garbo, sem pudor, grotesco, infame, vil;
Nas grandes solidões irá dormir convosco,
Mordendo em cada seio o lírio mais gentil!

E o que ele adora muito ó virgens romanescas
Não é o que abrigais d'etéreo e virginal:
Adora os corpos nus; as belas carnes frescas;
Deixando o resto a vós danados do ideal!

Não vive como nós de cândidas mentiras:
Não comunga do amor esse ilusório pão:
Devora com fervor as pálidas Elviras
E em muitos seios bons dá pasto ao coração!

Tem palácios na sombra e fazem-lhe um tesouro
Maior do que o dos reis; adora as solidões:
Não usa d'espada; não traz esporas d'ouro;
Mas vive como os reis das grandes corrupções!

Flores sentimentais! tremei do paladino,
Do velho D. Juan, feroz conquistador,
A quem da vossa boca um hálito divino,
Em vida, faz fugir talvez cheio d'horror;

Mas que um dia virá, na cândida epiderme,
Na sagrada nudez dos colos virginais,

Em hinos de triunfo — o grande César-Verme! —
Colher o que ficou de tantos ideais!

XXXVI

Formosuras do inverno! Ao sol das duas horas
A aérea multidão de fadas quebradiças,
Gentis aparições dos bailes e das missas,
Desliza no fulgor das pompas sedutoras.

No arfar da casimira há frases tentadoras
E maciezas tais nas languidas peliças,
Que as tristes comoções, decrépitas, mortiças,
Ressurgem do letargo ó pálidas senhoras!

E muitos hão de ter uns êxtases divinos
Ouvindo soluçar, à noite, aos violinos,
A vaga introdução d'uma balada aérea;

Em quanto, do futuro, ao toque da alvorada,
Se escuta, a martelar na sua barricada,
Sinistra rota e fria, a lívida Miséria.

XXXVII

ANTIGO TEMA

Passai larvas gentis na rua da cidade
Aonde se atropela a turba folgazã;
A noite é um tanto agreste e cheia d'umidade
Mas o tédio mortal precisa a claridade
Que em vosso olhar trazeis, visões do macadam!

Estátuas sem calor! vós sois das grandes vazas
D'um corrompido mar as Deusas menos vis!
Se à noite abandonais, voando, as pobres casas,
E vindes pela rua enlamear as azas,
Quem sabe a fome oculta, as sedes que sentis!

A pálida Miséria em seu triste cortejo
Precisa as contrações de muitos ombros nus:
E vós ides sorrindo ao lúbrico desejo,
Do carro da desgraça arremessando um beijo
Que apenas é de lama em vez de ser de luz!

Embora! caminhai deixando um grande rasto
Destranhas emoções, d'aromas sensuais:
E ao pobre que mendiga a palidez d'um astro;
Ao que sonha visões e arcanjos d'alabastro
Fazei por despenhar nos longos tremedais!

Do velho idílio, a musa, há muito já que dorme,
E o arroio em vão suspira e chora a nossos pés!
A grande multidão, — a vaga, a onda enorme,
Que oscila sem cessar, e gira multiforme
Às corridas, ao circo, ao templo e aos cafés,

Talvez ao pressentir que tudo, enfim, declina,
Adore a imensa luz, em vós, constelações,
Que não baixais do céu; que vindes d'uma esquina,
Vagando no rumor da aérea musselina,
Em plena bacanal fingindo de visões?

Oh, sois do nosso tempo! A languida existência
De tédios se consome e sente febres más!
Aspira ao que é bizarro: a uma esquisita essência
Que exala aquela flor que vem na decadência
E quando a toda a luz sucede a luz do gás!

Do século a voz rude apenas diz — trabalha! —
Ao poste vil amarra o lúbrico ideal
Que expira, enfim, talhando a fúnebre mortalha
Na vossa trança gasta, ó musas da canalha
Que apenas revoais do olimpo ao hospital!

XXXVIII

A MÃE

Eu canto-vos, mulher, por que vos tenho visto
Na pálpebra vermelha a lágrima d'amor,

Que vem d'Eva a Maria — a doce mãe de Cristo —
Formando a estalactite imensa d'uma dor!

Oh, quantas vezes já n'aldeia miserável
Nas tristezas do campo, às portas dos casais,
Vos tenho surpreendido, em êxtase adorável,
Em quanto os filhos nus ao peito conchegais!

A fria noite chega. Os maus, de boca cheia,
Rebolam-se na terra: ainda pedem pão!
Com eles repartis a vossa parca ceia;
E vendo-os a dormir podeis sorrir então.

D'inverno quase sempre as noites são mordentes.
Uivam lobos na serra: o vento uiva também:
Mas eles vão dormindo os longos sonos quentes,
Em quanto a vil insônia oprime a pobre mãe!

Tendes sustos cruéis. Temendo que lhes caia
A roupa que os abafa, aos pobres acudis;
E aninhando-os melhor nas vossas velhas saias
Podeis então dormir um tanto mais feliz.

Mulher quanto é suave e longo esse poema
Quanto é preciso ó mãe, no transito cruel,
Que vossa alma estremeça e o vosso peito gema
A fim de que em vós brilhe o mais alto laurel!

Quem é que nunca viu, na rua, a cada passo,
A pálida mulher que rompe a multidão,
Trazendo agasalhado, um filho no regaço,
E aos tombos, muita vez, um outro pela mão?!

Nos frios do lajedo, às vezes, pede esmola
Às portas dos cafés: ninguém a quer ouvir:
E a ela qualquer côdea a farta e a consola
Contanto que sem fome os filhos vão dormir!

E em quanto à luz do gás a turba prazenteira
No fumo dos festins revoa em turbilhão,
Quantos dramas cruéis nas úmidas trapeiras;
Nos campos quantas mães sem roupas e sem pão?!

E sempre a mesma lenda, a mesma história antiga:
Do palácio à cabana o vosso doce olhar,

Nas insônias cruéis, na fome ou na fadiga,
D'um raio criador o berço a iluminar!

No entanto à doce mãe, se aquele amor sem termo,
Da moda traja agora os novos ouropéis,
E o vosso coração já gasto e um pouco enfermo,
Sofrendo se dilui nos ideais cruéis;

Nas vagas pulsações d'umas recentes ânsias,
Se aquela santa flor das grandes comoções,
Apenas tem lugar nas vossas elegâncias.
Como um enfeite de mimo amado nos salões;

Na corrente fatal que ao longe arrasta os povos,
Se o vosso grande afeto intenta erguer-se mais,
Sonhando a sagração dos heroísmos novos,
Resplendente de luz; vistosa de metais:

Aos reflexos do gás, ó mãe, abri passagem
Por entre a saudação das alas cortesãs,
Levando as seduções da vossa doce imagem
Aos delírios da noite, às ceias das manhãs!

Surgiu do canto obscuro aonde o casto seio
Palpita ingênuo e bom na paz da solidão,
E o vosso amor levai à opera e ao passeio
A fim de que ele arranque um bravo à multidão!

E eu hei de rir ao ver que o peito onde um tesouro
Maior do que nenhum podemos encontrar,
Intenta seduzir pela medalha d'ouro
Que aos pequenos heróis os reis costumam dar!

XXXIX

Arcanjo vai-te embora: é tarde: em nossas casas
Talvez alguém se aflija; é tão deserta a rua!...
Tu deves sentir frio! Embuça-te nas asas;
Dá saudades à lua.

Um beijo em cada estrela!... Espera que eu sou louco!
Sonhei devo pagar: perdão anjo dos céus!

Agora tem cuidado; o céu escorrega um pouco:
Boas noites adeus!

XL

SANTA SIMPLICIDADE

Na serena missão de paz que tu cumpriste
Ó suave Jesus, ó doce galileu,
Que santa singeleza e que perfume triste
Do teu casto perfil no mundo rescendeu!

Havia no teu verbo aquela unção divina
Que a velha harpa de Jó soltou nas solidões,
E o belo, o puro sol da antiga Palestina
Suave contornou, de luz, tuas feições!

Compunham-te o cortejo uns pobres pescadores
Almas retas e sãs; marchavas por teu pé,
E sorrias falando aos rudes e aos pastores,
Sentado nos portais da pobre Nazareth.

Da tua Galiléia os vales percorrias
Levando um bom quinhão d'afeto a cada lar,
E o grande olhar suave e terno das judias
Turbaste muita vez, de certo, sem pensar!

E mais simples na morte, apenas a tua alma
Transpunha as regiões puríssimas do sol,
Tu que havias colhido a imorredoura palma
Não tinhas para o corpo as galas d'um lençol!

Consola-te ó Jesus! Tu deves já ter visto
Que sobre a terra, agora, ao teu nome fieis,
Os que se dizem ser apóstolos de Cristo
Não precisam trajar os ínfimos buréis.

Não maceram seus pés! não vão pobres e rotos
Envoltos na estamenha, apedrejados, só,
Nos desertos viver de mel e gafanhotos,
Convertendo o gentio ao som da sua voz.

Ante eles, ao contrário, alargam-se os batentes
Dos palácios reais, nas grandes recepções,
E formam-lhes cortejo os coches reluzentes
Atrás dos quais se bate um trote d'esquadrões!

Cobrindo-lhes, depois, d'insígnias as roupetas,
Afim d'honrar melhor a primitiva fé,
Redobram-se ainda mais as velhas etiquetas;
Polvilham-se melhor os homens da libré!

E dão-se-lhes festins onde há grandes baixelas,
Fatais cintilações de vinhos e rubis,
Gargantas ideais, grandes espáduas belas,
Lampejos de cristais, insídias de cetins!

Oh! temo bem Jesus que tantas pedrarias
Façam peso de mais na barca do Senhor,
Quando é certo que as mãos de Pedro um pouco frias
Mal podem segurar o leme salvador!

Por isso quando avisto o espaço que negreja
E o mar que se encapela, eu temo que amanhã
Do fendido baixel da tua velha Igreja
Apenas reste, à proa, uma ficção pagã!

XLI

O velho Olimpo dorme o bom sono comprido
Que prostra o lutador no fim d'uma batalha,
E os Deuses d'outro tempo, em lívida mortalha,
Descansam no torpor d'um mundo corrompido.

No puro céu cristão, de estrelas revestido,
No entanto há muito já que chora e que trabalha,
Por nós, o Cristo bom sem que seu Pai lhe valha,
A fim de ver, de todo, o mundo redimido!

Justiça, traça o manto alvíssimo e estrelado
E senta-te, mulher, no trono abandonado
Pelos vultos gentis de tantos Deuses velhos!

Depois inda maior, mais pura e mais serena,
No sangue de Jesus molhando a tua pena
Explica a nova lei no fim dos evangelhos!

XLII

OS PALHAÇOS

Heróis da gargalhada, ó nobres saltimbancos,
Eu gosto do vocês,
Por que amo as expansões dos grandes risos francos
E os gestos dentremez,

E prezo, sobretudo, as grandes ironias
Das farsas joviais,
Que em visagens cruéis, imperturbáveis, frias,
Á turba arremessais!

Alegres histriões dos circos e das praças,
Oh, sim, gosto de os ver
Nas grandes contorções, a rir, a dizer graças
Do povo enlouquecer,

Ungidos para a luta heróica, descambada,
De giz e de carmim,
Nas mímicas sem par, heróis da bofetada,
Titãs do trampolim!

Correi, subi, voai num turbilhão fantástico
Por entre as saudações
Da turba que festeja o semi-Deus elástico
Nas grandes ascensões,

E no curso veloz, vertiginoso, aéreo,
Fazei por disparar
Na face trivial do mundo egoísta e sério
A gargalhada alvar!

Depois mais perto ainda, a voltear no espaço,
Pregai-lhe, se podeis,
Um pontapé furtivo, ó lívidos palhaços
Luzentes como reis!

Eu rio sempre ao ver aquela majestade,
Os trágicos desdéns,
Com que nos divertis, cobertos d'alvaiade,
A troco d'uns vinténs!

Mas rio ainda mais dos histriões burgueses
Cobertos d'ouropéis
Que tomam, neste mundo, em longos entremezes,
A sério os seus papéis.

São eles, almas vãs, consciências rebocadas,
Que, em fim, merecem mais
O comentário atroz das rijas gargalhadas
Que às vezes disparais!

Portanto é rir, é rir, hirsutos, grandes, lestos,
Nas cômicas funções,
Até fazer morrer, em desmanchados gestos,
De riso as multidões!

E eu que amo as expansões dos grandes risos francos
E os gestos dentremez,
Deixai-me dizer isto ó nobres saltimbancos,
Eu gosto de vocês!

XLIII

A HIDRA

Há muito que desceu das orientais montanhas
A hidra singular que espalha nas ardências
D'uma luta febril cintilações estranhas!

Ela galga, rugindo, às grandes eminências,
E enquanto vai soltando o silvo pelo espaço
Engrossa à luz do sol na seiva das consciências.

Tem rizezas sem par, como de roscas d'aço
E corre descrevendo em giros caprichosos
Na leiva popular um indefinido traço.

Prefere aos antros vis os focos luminosos
E em mil voltas cruéis aperta dia a dia,
Numa longa espiral, os tronos carunchosos.

Passou pelo país da cândida Utopia:
Nos míticos rosais viveu d'um vago aroma
Ao pálido fulgor da aurora que rompia.

Mas hoje com valor em toda a parte assoma,
E sem temer sequer a lúgubre viseira
Há muito que transpôs os pórticos de Roma.

E os Papas mais os Reis sentindo-a na carreira
Do seu longo triunfo, um tanto apavorados,
Trataram d'acender a lívida fogueira.

E ao galope lançando os esquadrões cerrados
Começaram depois, na terra, a persegui-la,
A cúmplice fatal dos lívidos Pecados!

Mas ela sem temor, nos cérebros tranquila,
Derrama cada vez mais belos e fecundos
Os intensos clarões da lúcida pupila,

E enquanto a imprecação de tantos moribundos,
Os déspotas cruéis, acolhem com desdém,
A hidra imensa — a Idéia — a farejar nos mundos
Ainda a garra adunca afia contra alguém!

XLIV

OS NOVOS LEVIATÃS

Dos antigos Titãs, o mar, — fera indomável,
Agora verga o dorso ao peso colossal
Dos novos leviatãs que em bando formidável,
Nas grandes explosões da cólera insondável,
Já levam de vencida o abismo e o vendaval!

Eles seguem no mar, altivos no seu rumo,
Em hálitos de fogo, à nossa voz fieis,
E como o combatente erguendo a lança a prumo,

Era turbilhões rompendo, as flâmulas de fumo
Ostentam sem cessar correndo entre os parceis!

Que sopro criador, que força onipotente
Os fez surgir do nada, os monstros colossais?
Ó novos leviatãs provindes tão somente
Do fecundo himeneu, deste conúbio ardente
Do Gênio e do Trabalho, amantes imortais!

Correis de mar em mar, altivos, triunfantes,
Levando a toda a parte a vida, a nova luz,
E as sereias gentis não fazem como dantes,
Ao som da sua voz, perder os navegantes;
O dorso dos delfins, no mar, já não reluz!

Ó alma antiga dorme inerte no regaço
Dos velhos Deuses vãos, que o homem criador
Agora ri de ti, prostrada de cansaço,
Enquanto vai soprando em mil gigantes d' aço
Outra alma inda mais larga, — o novo Deus-Vapor!

XLV

Sua alteza real o pequenino infante
Matou, d'um tiro só, dois gamos na carreira:
Um hino mais ao céu, pois era a vez primeira
Que sua alteza vinha à diversão galante!

Ó vergôntea gentil! quando um tropel distante
De súbito acordar os ecos da clareira
E uma presa cansada, em rolos de poeira,
Varada, a vossos pés, cair agonizante,

Acercai-vos então da pobre fera exangue
Que estrebucha de dor num mar de lama e sangue
Sem que um grito de dó nos corações acorde!

No entanto não fiqueis na doce glória absorto:
O velho javali parece às vezes morto
Mas surge da agonia e os seus algozes morde!

XLVI

VERSOS A *

Eu sou, mulher suave, aquele antigo louco,
O triste sonhador que o teu olhar cantou,
E que hoje vai sentindo, o sonho, a pouco e pouco,
Fugir como o luar d'um astro que expirou!

Que morra, porque, enfim, bem longo ele tem sido
E tempo é já, talvez, da Morte desposar
O sonho que em minha alma entrou como um bandido
E só da vida sai depois de me roubar!

Eu devera amarrá-lo à braga do forçado,
Como a Justiça faz aos desprezíveis réus,
E lançá-lo depois à vala do passado
Aonde o fulminasse a cólera dos céus.

Mas não; quero embalar-lhe os últimos momentos
Ao som d'uma canção das quadras juvenis,
E amortalhar depois — em doces pensamentos —
No manto da saudade, os seus restos gentis.

E quando ele seguir às regiões saudosas,
Aonde todos nós iremos repousar,
Ao esquife hei de atirar-lhe as derradeiras rosas
Que dentro de minha alma houver por desfolhar!

Ninguém profanará seus restos adorados,
Que em paz irão dormir num fundo mausoléu;
E quando alguma vez já hirtos, regelados,
Acordem, por ventura, à luz que vem do céu;

Em vão tu baterás, ó sonho, à fria porta
Que em breve hás de sentir fechada sobre ti,
Porque a tua Memória, enfim, já estará morta,
E não te escutarei... porque também morri!

XLVII

Ó pobres versos meus, lançai-vos pela estrada
Agreste e pedregosa, aonde os companheiros
Da luta, encontrareis, meus ínfimos guerreiros,
Formando os batalhões da bélica avançada!

E o traje em desalinho, a face iluminada,
Transponde, sem demora, os fossos derradeiros
Que separam de nós os braços justiceiros
Da serena Verdade, a Deusa idolatrada.

Vencidos no combate, ou pouco ou nada importa.
Ao chão vergai sem pena a faço semi-morta,
Mordendo, inda a lutar, o pó da enorme liça:

E tudo, enfim, esquecendo; os ódios e os desprezos;
Que dentre vós alguns, ao menos, fiquem presos
Como fios de luz, ao manto da Justiça!

APÊNDICE

Nas páginas que em seguida se lêem acha-se tão bem determinada, com tanta eloquência e tão profunda observação, a missão da poesia contemporânea, que não podemos resistir ao desejo de as trazer das folhas passageiras do jornal, aonde pela primeira vez viram a luz, para as páginas deste livro, por ventura um pouco menos efêmeras.

O autor das *Radiações da Noite*, intenta sobretudo mostrar que o seu espírito, correspondendo às indicações da crítica, procura inspirar-se, tanto quanto lhe é possível, no mundo que o cerca, nos fatos e nas ações do nosso tempo. Das *Radiações da Noite* à *Alma Nova* poder-se-á talvez notar um certo caminho andado na direção em que vai seguindo a arte contemporânea.

Do escrito como primitivamente foi publicado, entendemos, como o leitor também de certo compreenderá, suprimir, hoje, a parte final em que o talentoso crítico se referia, de um modo demasiadamente lisonjeiro, à individualidade literária do autor das *Radiações*.

Guilherme de Azevedo

TENDÊNCIAS NOVAS DA POESIA CONTEMPORÂNEA

A propósito das *RADIAÇÕES DA NOITE* do sr. Guilherme de Azevedo.

O século XIX, cujos primeiros anos enflorou uma coroa poética de esplendor incomparável, tem mentido cruelmente às esperanças da sua aurora. Envelhecendo, perdeu o dom do canto, ou, pelo menos, o sentimento que faz os cantores verdadeiros. Os Goethe, os Byron, os Lamartine, os Miczkawicz, os Hugo, os Oehlenschläger, não deixaram descendência digna daquela poderosa geração. O romantismo foi um meteoro. O grande canto do século esvaeceu-se gradualmente num murmúrio. A poesia contemporânea não tem unidade, e não tem sobre tudo o largo fôlego de inspiração, que caracteriza as verdadeiras épocas poéticas. O interesse do tempo dirige-se evidentemente para outro lado. No meio das preocupações da atualidade, a poesia é como a canção de um conviva distraído que se afasta da sala do festim, e cuja voz se perde pouco a pouco no silêncio da Distância e da noite.

Depois do aparecimento do romantismo, a sua queda é o maior fato literário, do século. Porém essa queda, que como fato todos reconhecem, mas cuja fenomenalidade poucos tentam explicar, será uma justa sentença lavrada pela razão pública, ou será uma condenação arbitrária que desonra o tribunal que a firma? Indicará para o espírito do nosso tempo um progresso ou uma decadência? uma glória ou um deslustre aos olhos da história?

Não hesito em responder. O romantismo foi justamente condenado. O século, com um sentimento lúcido da sua verdadeira missão, afastou-se daqueles que lhe falavam uma linguagem, cujo brilho, cuja eloquência, cuja sinceridade, por maiores que fossem, não podiam encobrir o falso do princípio, que a inspirava. Essa missão é essencialmente positiva, social e racional, e o romantismo era essencialmente apaixonado, individual e subjetivo. Por mais que se virasse para o futuro, a sua alma pertencia ao passado; enquanto que o século, ainda nos momentos em que parece invocar o passado, é sempre para o futuro que caminha. No fundo, uma sociedade saída da revolução, e uma poesia que se inspirava das tradições da Idade Média, contradiziam-se, negavam-se radicalmente. Um equívoco histórico pôde por um momento estabelecer aquele infundado acordo: no dia, porém, em que se conheceram, separaram-se.

Ainda há muita gente que *sente, chora, crê, e aspira*, à maneira dos grandes, melancólicos e apaixonados de 1820. Mas já nos não comovem como então, já não influem poderosamente no mundo que os rodeia. São vozes sem eco. É quanto basta para que nada signifiquem, historicamente: tanto mais que aquelas vozes frouxas não tem já o timbre ardente de indomável paixão, que nas outras nos comovia. A paixão destas é mais estudada na escola, do que saída do coração. Não é já como então, um convencimento violento dos direitos

da própria loucura, que os inspira: são apenas os livros dos mestres: ora, não é nos bancos apertados da escola, mas no seio da livre natureza, que se criam os verdadeiros poetas.

Os poetas da geração atual vêem-se pois, rasgado aquele véu fantástico da *sentimentalidade* de outrora, em face de uma sociedade, que eles não compreendem, porque ela mesma a si se não compreende bem, mas que os não quer escutar senão com a condição de lhe falarem daquilo que a interessa e a preocupa, de se inspirarem da sua vida real e das suas verdadeiras aspirações. É desta situação anormal que resulta a incerteza, a anarquia, a fraqueza da poesia contemporânea. A idéia poética acha-se confusa, embaraçada no meio de fatos sociais, que se não definem claramente: as fontes da inspiração correm escassas ou turvas. A antiga nascente, tão querida e conhecida, está quase seca: a nova, já por ser nova, e depois por que só deixa rebentar, em cachões, uma água turbida, cheia de elementos estranhos, assusta os que a ela se chegam pela primeira vez; os mais ousados inclinam-se um momento, tomam a medo um gole da bebida suspeita, e retiram-se furtivamente como se acabassem de fazer uma ação má.

E todavia, é ali que é necessário beber, porque é ali, naquelas águas rumorosas e confusas, que se contêm os elementos da inspiração real, os Princípios vitais de que se nutre a sociedade, e de que tem por conseguinte de se alimentar também a poesia, sob pena de se tornar uma abstração, um fantasma, uma puerilidade. O problema da evolução poética na atualidade encerra-se todo nisto.

Mas aqui apresenta-se uma questão, que nos detém. Terá a sociedade contemporânea (essa sociedade, ao que dizem, positiva até ao mais desolador utilitarismo) na sua atmosfera sufocadora de indústria, de lutas sociais e de ciência friamente analítica, condições de vida e desenvolvimento normal para a constituição delicada das castas musas, das musas melindrosas e cismativas? Não será uma sociedade essencialmente anti-poética, esta nossa, um mundo rebelde a toda a idealidade? Por outras palavras; poderá haver poesia racional, positiva e social? Será um ser *poético* o homem do nosso tempo?

Entendo que pode haver tal poesia; que a alma moderna, na sua titânica aspiração de verdade e justiça, é poética, poética essencialmente, daquela poesia forte e audaciosa dos mitos de Prometeu e Ajax; que há uma fonte abundante de inspiração nesta luta histórica de nações, de classes e de idéias, que é a epopéia e a tragédia viva do nosso século; que, finalmente, à maneira que os fatos confusos da nossa época se forem desembulhando, mais lúcida e evidente se irá mostrando a idealidade sublime que nesse caos aparente se contém.

E a idéia dessa poesia nova não só existe, mas deve ser superior à idéia poética das eras anteriores, porque corresponde a um período mais adiantado da consciência humana, penetra com maior intensidade a natureza e o espírito, extrai o belo da própria realidade universal, não das visões de um subjetivismo inexperiente, e dá por base ao sentimento, em vez de sonhos e intuições quase instintivas, os fatos luminosos da razão.

Os caracteres essenciais dessa poesia já hoje se podem indicar, e todos eles se consubstanciam numa palavra, que resume também as tendências da nossa civilização: o humanismo. A inspiração social e naturalista vem substituir a sentimentalidade toda subjetiva e pessoal, ou o transcendentalismo contemplativo de outras idades poéticas. A poesia deixa de duvidar e cismar, para afirmar e combater; mostra-nos o interesse profundo e o valor ideal dos fatos de cada dia; dá às ações, que parecem triviais, da vida ordinária, um caráter, e significação universais; e sorrindo maternalmente para as crianças, as mulheres, os simples, caminha todavia armada no meio das lutas dos homens.

Uma tal missão ninguém dirá que é mesquinha ou vulgar: há nisto com que tentar os mais altos engenhos, Cativar os corações mais generosos. E, sobretudo, deve seduzir os espíritos verdadeiramente poéticos acharem-se em comunicação direta e constante com o seu tempo, com as aspirações, os interesses, as crenças da sociedade que os rodeia, e de cuja vida vivem, como meio histórico a que fatalmente pertencem.

Certamente que essa evolução nova da poesia tem de ser lenta, como lenta é a evolução do ideal social, que a deve inspirar. Há um certo receio, e uma certa incerteza. O novo assusta: o indistinto faz hesitar, mas insensivelmente, e fatalmente também, caminha-se naquela direção. Os sintomas deste movimento tornam-se cada dia mais acentuados. Em França e Alemanha, sobre tudo, países aonde as idéias e tendências novas se pronunciam numa agitação crescente, podem já indicar-se exemplos bem significativos; em Alemanha ainda mais do que em França. Ali a poesia inspira-se resolutamente das lutas sociais e religiosas do tempo, e abalança-se já, ainda que com incerta fortuna, às grandes composições épicas, aonde se desenha uma sociedade, consubstanciada nos seus tipos e paixões mais características. Entre nós, há apenas indícios tênues e raros, mas que, por isso mesmo, devemos recolher tanto mais cuidadosamente, quanto parecem provar que nem tudo está inteiramente morto no espírito português, e nos animam a esperar com alguma confiança num melhor futuro.

Antero de Quental

NOTA

Na revisão deste livro escapou uma ou outra incorreção que não mencionamos, e de que o leitor benévolo nos absolverá. A página 63, devemos porém notar, em especial, o 3º verso, que insidiosamente aparece mascarado em alexandrino puro, feição que de certo lhe não compete. Aos entendidos concedemos plena autorização para demolir o verso referido, reconstruindo-o depois como julgarem mais próprio.